

ESPORTE E SOCIOLOGIA *

Mauro Betti **

Grosseiramente, podemos definir a Sociologia como a Ciência que estuda as relações sociais entre os homens, ou seja, como eles se organizam socialmente para produzir bens, para transmitir cultura e para garantir a sobrevivência e a reprodução da própria sociedade, analisando tanto a estabilidade como a mudança social. Algumas formas sociais, que se tornam relativamente duradouras numa certa cultura e num certo período histórico (Buckley, 1971) e que atendem a certos requisitos são chamadas de Instituições Sociais (Berger & Berger, 1980). Dentre elas podemos incluir o Esporte, considerado uma instituição social autônoma no mundo moderno, diferentemente das sociedades erroneamente chamadas "primitivas", onde jogos e práticas corporais estavam intimamente associadas à religião (Lüschen & Weis, 1979). O esporte moderno tem sua organização própria, normas, valores e autoridades, aos quais os participantes têm que se sujeitar.

Para que se tenha uma idéia da importância da instituição social chamada "esporte" no mundo atual, apresentaremos alguns dados: os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, tiveram um público telespectador de 1 bilhão de pessoas (Pereira, 1980), em 1972, o número de esportistas registrados nas federações de especialidades olímpicas era de 250 milhões em todo o mundo (Krawczyk et alii, 1979); na França existem cerca de 6 milhões de atletas amadores (Dumazedier, citado por Daminelli 1984) no Brasil, o assunto Educação Física/Esporte/Recreação era o quarto tema da programação das estações de rádio no Brasil, o quinto na televisão e o primeiro no setor de jornais em 1969 (Brasil, Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Ministério da Educação e Cultura, 1971). É pro-

vável que os Jogos Olímpicos de Seul tenham sido assistidos por mais de 2 milhões de pessoas através da televisão, uma audiência jamais alcançada por qualquer evento na história da humanidade. Esta é a tendência mais evidente do esporte na sociedade atual: tornar-se uma forma de espetáculo, como o teatro e o cinema. Os atletas são atores de alta capacitação psicomotora, que exibem suas habilidades e sua arte para as multidões. No capitalismo, o esporte é hoje uma importante forma de atividade econômica, através da indústria do material esportivo, da mídia, etc. Mesmo os países socialistas não escapam a esta dimensão comercial do esporte. Países do leste europeu, inclusive a União Soviética, têm transferido atletas para países capitalistas, e o dinheiro, segundo os noticiários, rateado entre a Federação da respectiva modalidade, o clube, o atleta e o Partido Comunista. A Alemanha Oriental tem financiado o esporte olímpico através de **merchandising**, tendo o volume de recursos obtidos por este meio alcançado a cifra de 130 milhões de marcos (Ncz\$ 17,5 milhões) no ano de 1988 (Alemanha... publicidade, 1988). Eventos como os Jogos Olímpicos movimentam bilhões de dólares na economia mundial (Betti, 1984). O esporte, portanto, não está envolto numa redoma de vidro, reflete características da sociedade na qual está inserido, e com ela interage. Alguns autores (e. g. Bracht, 1986; Brohm, 1978; Laguillaumie, 1978) consideram que, na sociedade capitalista, a natureza do esporte é intrinsecamente burguesa e reflexo das categorias do sistema capitalista industrial.

A Sociologia do Esporte busca desenvolver teorias capazes de explicar a ação e os comportamentos no campo esportivo,

* Texto-base de aula proferida no Curso "Esporte e Jornalismo", promovida pela Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1988 (revisado e atualizado).

** Professor-Assistente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP-"Campus" de Rio Claro.

assim como a estrutura, a função e os valores sociais promovidos por esta instituição, e contribuir para a prática social do esporte, subsidiando a tomada de decisões sócio-políticas que dizem respeito ao esporte (Lüschen, 1970, Lüschen e Wis, 1979, Seban, 1976).

Este esporte do qual estamos falando, cuja origem remonta ao século XIX, quando foi organizado e institucionalizado pela burguesia inglesa emergente da Revolução Industrial, tem características muito próprias, que refletem seu percurso ao longo deste século. O termo "esporte" é hoje utilizado para denominar uma grande variedade de atividades e comportamentos, que vão, segundo McIntosh (1975)), do alpinismo à prática do amor, o que gera confusão, dificulta seu estudo e leva a decisões sócio-políticas inadequadas.

Os sociólogos têm-se ocupado largamente em definir e caracterizar o esporte, diferenciando-o do conceito mais amplo de "jogo" (e.g. Brohm, 1976; Edwards, 1973; Lüschen, 1972; Lüschen & Weis, 1979; Meier, 1981). Características comuns a estas definições são: competição, hierarquia social, rendimento máximo, busca da vitória, regras precisas e universais e recompensa extrínseca. O pouco espaço disponível neste texto não permite um esclarecimento maior sobre estas características, (1) mas destacaremos a última delas. A existência de recompensas exteriores ao espaço esportivo propriamente dito (por exemplo, dinheiro, prestígio social, fama, etc.) é um fator determinante da estrutura interna e das influências externas no esporte - este esporte institucionalizado, federativo, formal, olímpico, que denominaremos "esporte de alto rendimento" (EAR). É principalmente a existência desta recompensa extrínseca que distingue, sociologicamente falando, um jogo de volibol disputado na praia entre amigos e o volibol disputado nos Jogos Olímpicos. Embora o EAR tenha uma origem lúdica (do latim **ludus**, jogo), no sentido atribuído por Huizinga (1971), quer dizer, uma atividade livre, que foge à vida cotidiana, desligada de interesse material, praticada em limites espaciais e temporais próprios, ele é contudo uma forma de jogo **transformado** (Feio, 1978), que foge a estas características lúdicas mais puras. O valor inicialmente naturalista e utilitarista do esporte dos séculos XVIII e

XIX perdeu sentido quando o aperfeiçoamento da capacidade e da forma corporais passaram a ser qualidades desejadas não apenas por razões pessoais, mas também sócio-culturais (Krawczyk et alii, 1979). Existe uma constante tendência social de transformar o jogo em esporte. Veja-se exemplos recentes do volibol de praia e do **skate**.

Por outro lado, o homem procura na competição esportiva o prazer de sentir-se física e moralmente forte, de ultrapassar-se, de superar os obstáculos e vencer o adversário. Ninguém entra num jogo (mesmo considerado em seu aspecto lúdico mais puro) para perder, se alguém fizer "corpo mole" a competição "perde a graça". Mas em conseqüência da quantidade de esforço dispendido, do gosto crescente pela vitória e das recompensas que dela advêm, pode-se facilmente pender para a busca da vitória a qualquer preço, para a desonestidade, a violência, a dopagem, etc. (Belbenoit, 1976). O uso destes recursos está na lógica do EAR, onde o rendimento máximo e a busca da vitória tendem sempre a tornar-se fins em si mesmos. Num momento de lucidez no jornalismo esportivo, Gonçalves (1988) afirmou, com relação ao caso Ben Johnson: "O atleta dopado não é uma aberração dentro de um sistema limpo. Ele é o produto mais bem acabado deste meio. Ele não fez mais do que levar às últimas conseqüências o objetivo olímpico. Johnson é o herói de Seul". (p.A-18). Esta tendência interna pode ser exacerbada por fatores externos (interesses políticos, econômicos, pressão da torcida, etc.), e a conjunção de ambas levam à crescente tecnificação do esporte, aos instrumentos de medição cada vez mais precisos, à sofisticação do material esportivo (por exemplo, a vara de fibra de vidro no Atletismo), culminando com a criação da "ciência do treinamento desportivo". Condições sociais e políticas externas elevaram o **conteúdo simbólico** do EAR, ou seja, os esportistas não são apenas indivíduos, mas representantes da nação e do Estado (Krawczyk et alii, 1979). O capitalismo engendra ideologicamente uma justificativa através do princípio do rendimento e da competição em condições de igualdade (Webb, 1969), e o socialismo pela "formação do homem comunista" (Pye, 1986).

(1) Sobre o assunto, ver BETTI, M. Esporte, Educação e Socialização: algumas reflexões a luz da sociologia do esporte. **Kinesia**, 4(1): 31-43, 1988, onde se discutem também implicações educacionais destas características.

Esta crescente necessidade de investimento gerado pelo EAR poderá levar a um conflito de valores, pois há também uma crescente consciência da sociedade de que seus recursos são limitados e precisam ser aplicados em áreas prioritárias (Lüchen & Weis, 1979). Outra questão ética diz respeito à crescente necessidade de especialização precoce no âmbito do EAR. Crianças a partir de 8 ou 9 anos já têm suas potencialidades destacadas e submetidas à especialização e treinamento precoce. Arrancadas de seu mundo infantil, são submetidas às normas, valores e propósitos de uma organização adulta, dirigida por adultos. A exata extensão deste fenômeno, suas conseqüências psicológicas e sociais precisam ser investigadas. O EAR consome um longo período de tempo na vida dos atletas, e não necessariamente esta vivência será útil para a vida social do indivíduo. Estudo realizado no Canadá com ex-atletas olímpicos detectou dificuldades na transição da posição de atleta internacional para cidadão comum, e recomendou a criação de um programa governamental de apoio aos ex-atletas que incluísse ajuda financeira, aconselhamento e colocação profissional (Werthner, 1986). Estudo semelhante concluiu que os ex-atletas olímpicos poloneses tendem a permanecer no topo da hierarquia social de prestígio, mas tal se deveu às suas próprias aspirações, que cresceram e se consolidaram através do EAR, e ao bom nível educacional que tinham ao abandonarem suas carreiras esportivas (Pawlak, 1984).

Outra questão importante diz respeito à democratização da prática esportiva. O recrutamento para o EAR somente pode dar-se entre os indivíduos dotados de extraordinárias aptidões, o que o torna seletivo e excluyente de grandes parcelas da população. O esporte é hoje em muitos países uma prática restrita aos jovens de classe média e alta, embora difundida em todas as camadas sociais. O consumo exclusivamente passivo do esporte atinge todos os grupos sociais, e é marcante nas classes mais pobres, as quais, em especial na América Latina, vêem no esporte um meio de ascensão social. Embora não haja dados conclusivos disponíveis, é aparentemente o caso do futebol no Brasil.

Pode-se certamente argumentar que o EAR e seus ídolos estimulam a prática do chamado "esporte de massa". Este, contudo, é um axioma, ou seja, uma verdade pré-estabelecida, sem comprovação. Acredita-

mos que não basta desenvolver um deles para que o outro automaticamente também se desenvolva. Ou se investe adequadamente nos dois, ou não se desenvolve nem um nem outro, pois eles têm objetivos, clientela e organizações sociais diferenciadas (Belbenoit, 1976; Krawczyk et alii, 1979).

Apesar de seu papel de destaque na sociedade moderna, o esporte não esgota o conjunto das necessidades e potencialidades físico-motoras do homem, e por isso não deve contrapor-se a outros campos da educação física, como a educação para a higiene e para o lazer, onde se lida com "as questões preventivas e de manutenção de um equilíbrio ecológico entre a existência bio-social do homem e de seu meio" (Krawczyk et alii, 1979). A propagação da atividade física não pode, portanto, restringir-se à participação, ativa ou passiva, no esporte. Em países como a França e a Austrália, estudos detectaram uma mudança nos valores culturais relacionados às atividades físicas, do rendimento e da instrumentalização do corpo, como é o caso do esporte, para a expressão e a individualidade (Dumazedier, citado por Daminelli, 1984; Watson & Collis, 1982).

A nosso ver, a principal contribuição da Sociologia do Esporte para a tomada de decisões sócio-políticas é apontar para a necessidade da adoção de uma política e programa de ação em Educação Física/Esporte baseado num modelo que considere diferentes sistemas sociais de prática de atividades físicas, com finalidades e estruturas autônomas, mas coordenadas entre si, atendendo a uma pluralidade de interesses e necessidades, da criança ao idoso, passando pelo portador de deficiências físicas. Esta política é de responsabilidade do Estado e de todas as instituições sociais que lidam com a saúde, assistência social, educação, cultura e lazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMANHA Oriental arrecada Cz\$ 17 bi com publicidade. (1988). *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 de agosto. p. A-23.
- BELBENOIT, G. (1976). **O desporto na escola**. Lisboa, Estampa.

- BERGER, P. L. & BERGER, B. (1980). O que é uma instituição social. In: FORACHI, M., & MARTINS, J.S. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro, São Paulo, Livros Técnicos e Científicos.
- BETTI, M. (1984). Jogos Olímpicos, grandeza e distorções do esporte moderno. **Corpo e Movimento**, 2: 19-21.
- BRACHT, V. (1986). A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 7 (2): 62-68.
- BRASIL, (1971). Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Ministério da Educação e Cultura. **Diagnóstico e educação física/desportos no Brasil**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional de Material Escolar.
- BROHM, J.M. (1976). **Sociologie politique du sport**. Paris, Delarge.
- _____. (1978). Sociologia política del deporte. In: BERTHAUD, G. & BROHM, J.M. **Deporte, cultura y represión**. Barcelona, Gustavo Gili.
- BUCKLEY, W. (1971) **A sociologia e a moderna teoria dos sistemas**. São Paulo, Cultrix, Editora da USP.
- DAMINELLI, M. (1984). Tendência nas atividades físicas voluntárias. **Corpo e Movimento**, 2: 24-25.
- EDWARDS, H. (1973). **Sociology of sport**. Homewood, Ill., Dorsey.
- FEIO, N. (1978). **Desporto e política: ensaios para sua compreensão**, Lisboa, Compendium.
- GONÇALVES, M.A. (1988). Diário de Seul. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 de outubro. p. A-18.
- HUIZINGA, J. (1971). **Homo ludens; o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva.
- KRAWCZYK, Z.; JAWORSKI, Z. & ULATOWSKI, T. (1979). La dialéctica del cambio en el deporte moderno. In: LÜSCHEN, G. & WEIS, K. **Sociologia del deporte**. Valladolid, Minón.
- LAGUILLAUMIE, P. (1978). Para una crítica fundamental del deporte. In: BERTHAUD, G & BROHM, J.M. **Deporte, cultura y represión**. Barcelona, Gustavo Gili.
- LÜSCHEN, G. (1970). Sociology of sport and the cross-cultural analysis of sport and games. In: _____. **The cross-cultural analysis of sport and games**. Champaign, Stipes.
- _____. (1972). On sociology of sport, general orientation and its trends in the literature. In: GRUPE, O.; KURZ, D. & TEIPEL, J.M. **The scientific view of sport**. perspectives aspects, issues. Berlin, Springer-Verlag, New York, Heidelberg.
- LÜSCHEN, G. & WEIS, K. (1979). Deporte en la sociedad; posición y cometidos de una sociología del deporte. In: **Sociologia del deporte**. Valladolid, Minón.
- MCINTOSH, P. C. (1975). **O desporto na sociedade**. Lisboa, Prelo.
- MEIER, K. V. (1981). On the inadequacies of sociological definitions of sport. **International Review of Sport Sociology**, 18(3): 79-102.
- PAWLAK, A. (1984). The status and style of life of polish olympians after completion of their sports careers. **International Review for the Sociology of Sport**. 19(2): 169-184.
- PEREIRA, L. (1980). **Esportes**. Rio de Janeiro, Bloch, Brasília, Ministério da Educação e Cultura, Ministério das Minas e Energia. (Biblioteca Educação e Cultura, 2).
- PYE, G. (1986). The ideology of cuban sport. **Journal of Sport History**, 13(2): 119-127.
- SEBAN, M. M. (1976). A theoretical consideration of the internal dynamics of sport. In: HART, M. **Sport in the socio-cultural process**. Dubuque, Wm. C. Brown.

- WATSON, G. G. & COLLIS, R. (1982). Adolescent values in sport; a case of conflicting interests. **International Review of Sport Sociology**, 17(3): 73-90.
- WEBB, H. (1969). Professionalization of attitudes toward play among adolescents. In: KENYON, G.S. **Aspects of contemporary sport sociology**. Chicago, The Athletic Institute.
- WERTHNER, P. & ORLICK, T. (1986). Retirement experiences of successful olympic athletes. **International Journal of Sport Psychology**, 17: 337-363.